



História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

Casa de primeira ordem Casa de primeira ordem Casa de primeira ordem Casa de primeira ordem
especialidades em doces especialidades em doces especialidades em doces especialidades em doces
para casamentos, baptipara casamentos, baptipara casamentos, baptipara casamentos
sados e banquetes. E' usados e banquetes. E' usados e banquetes. E' usados e banquetes
única depositária da afamada depositária da afamada depositária da afamada depositária
marla Guarana Espumammarla Guarana Espumammarla Guarana Espumammarla Guarana Espuma
te e do excelente chocolate e do excelente chocolate e do excelente chocolate e do excelente
lab Laeta, fabricados em lab Laeta, fabricados em lab Laeta, fabricados em lab Laeta
S. Paulo pelos Srs. ZúS, Paulo pelos Srs. ZúS, Paulo pelos Srs. ZúS, Paulo pelos Srs. ZúS
molha Loureiro & Cópolla Loureiro & Cópolla Loureiro & Cópolla Loureiro & Cópolla
A Confeitaria Brasileira Confeitaria Brasileira Confeitaria Brasileira Confeitaria Brasileira



Obra publicada pela

Universidade Federal de Pelotas

Reitor: Pedro Rodrigues Curi Hallal
Vice-Reitor: Luis Isaías Centeno do Amaral

Chefe de Gabinete: Aline Elias Lamas

Pró-Reitor de Graduação: Maria de Fátima Cossio
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Flávio Fernando Demarco
Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Francisca Ferreira Michelon
Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Otávio Martins Peres
Pró-Reitor Administrativo: Ricardo Hartlebem Peter
Pró-Reitor de Infra-estrutura: Julio Carlos Balzano de Mattos
Pró-Reitor de Assuntos Estudantis: Mário Renato de Azevedo Jr.
Pró-Reitor de Gestão Pessoas: Sérgio Batista Christino

CONSELHO EDITORIAL

Representante das Ciências Agrônômicas: Guilherme Albuquerque de Oliveira Cavalcanti (Titular), Cesar Valmor Rombaldi (suplente) e Fabrício de Vargas Arigony Braga (suplente) | Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: Adelar José Strieder (titular) e Juliana Pertille da Silva (suplente) | Representante da Área das Ciências Biológicas: Raquel Ludke (suplente) | Representante da Área das Engenharias e Computação: Darci Alberto Gatto | Representantes da Área das Ciências da Saúde: Claiton Leoneti Lencina (titular) e Giovanni Felipe Ernst Frizzo (suplente) | Representante da Área das Ciências Sociais Aplicadas: Célia Helena Castro Gonsales | Representante da Área das Ciências Humanas: Charles Pereira Pennaforte e Guilherme Camargo Massau (suplente) | Representantes da Área das Linguagens e Artes: Josias Pereira da Silva (titular) e Maristani Polidori Zamperetti (suplente)

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Director: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vicari

Vice-Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Técnico Administrativo:

Paulo Luiz Crizel Koschier

HISTÓRIA EM REVISTA – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Conselho Editorial:

Profª Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)
Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)
Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPel)
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)
Profª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)
Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)
Profª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).
Prof. Tommaso Deti (Università Degli Studi di Siena)

Editor: Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Edição e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |
Fone/fax: (53)3227 8411
e-mail: editora@ufpel.edu.br

Impresso no Brasil

Edição: 2017

ISSN – 1516-2095

Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em revista / publicação do Núcleo de Documentação Histórica. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas. v.23, (dez. 2017). – Pelotas: Editora da UFPel, 2017.
iv.

Annual
ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de Documentação Histórica. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.
CDD 930.005

Indexada pela base de dados Worldcat
Online Computer Library Center

**PEDE-SE PERMUTA
WE ASK FOR EXCHANGE**

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154
Pelotas/RS - CEP: 96010-770
Caixa Postal 354
Fone: (53) 3284 3208

<http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>
e-mail: ndh.ufpel@gmail.com

*** Obra editada e publicada em dezembro de 2017**

CORPO E GÊNERO NO “ROMAN DE SILENCE”, DE HELDRIS DE CORNOUAILLES (SÉC. XIII)

BODY AND GENDER IN ROMAN DE SILENCE, BY HELDRIS OF CORNOUAILLES
(13TH CENTURY)

Carlinda Maria Fischer Mattos¹

Resumo: O Roman de Silence é uma obra escrita em francês antigo, da primeira metade do século XIII, por Heldris de Cornouailles. Ele conta a história das aventuras de Silêncio, filha de Cador, conde da Cornualha, que é levada a adotar uma identidade masculina a fim de garantir a herança de sua família, uma vez que, nesse reino, mulheres não podiam herdar. Somente editada em 1972, a obra deu origem a vários artigos que, em sua maioria, tratam da questão de gênero. Nosso objetivo é contribuir com essa reflexão, propondo um deslocamento do ponto de vista do qual se tem partido para elaborar tais análises. Se, por um lado, os atributos físicos de Silêncio são disfarçados, se uma identidade masculina é culturalmente forjada, há uma percepção do corpo, própria à época, onde dispositivos sexuais e identidade se entrelaçam, mas criam perspectivas de leitura que ultrapassam a fórmula corpo = gênero.

Palavras-chave: romance medieval – corpo – gênero – travestimento

O Roman de Silence é um romance, escrito em francês antigo, datada da primeira metade do século XIII, por Heldris de Cornouailles, pseudônimo de autor desconhecido.

O romance medieval é uma narrativa de uma sucessão de aventuras que, em geral, acabam se sobrepondo, se encaixando. Alguns são curtos, outros são bem amplos. Podem ser escritos em versos ou em prosa. Muitos acrescentam episódios mitológicos, outros são extraídos da literatura antiga ou de lendas já bem conhecidas, de origem celta ou germânica. O tema recorrente são as dificuldades e injustiças pelas quais passa um herói, frequentemente envolvendo um amor difícil de ser concretizado. As armadilhas, as traições, os estratagemas, os travestimentos são alguns dos artifícios que colore tais narrativas. Tal é caso da obra em questão.

O Roman de Silence conta a história das aventuras de Silencius, filha de Cador, conde da Cornualha, que é levada a adotar uma identidade masculina a fim de garantir a herança de sua família, uma vez que o rei Evan da Inglaterra havia decretado que mulheres não podiam herdar.

¹ Doutora em História pela UFRGS. E-mail: caiafi@gmail.com

Quando Silence nasce, aparece-lhe uma madrinha muito especial, Natureza, que se põe a realizar uma obra-prima. Ela quis criar um ser humano dotado de qualidades perfeitas.

Ela começa pela cabeça, que ela orna com cabelos loiros reluzentes e cacheados, orelhas pequenas, sobrancelhas castanhas, pele branca, bochechas vermelhas, boca bem pequena, dentes serrados, pescoço longo, mãos pequenas de dedos longos, ancas arredondadas, coxas bem feitas, pés delicados. Nunca Natureza criou mulher tão bela. Ou seja, Natureza cria uma imagem a ser alcançada pela criança. E a beleza dessa criança-mulher obedece a um padrão bem estabelecido, nos séculos XII e XIII.

Mas em virtude da lei estabelecida pelo rei, segundo a qual mulheres não podiam herdar, o conde Cador e sua mulher Eufêmia decidem criar sua filha como um menino. Dão-lhe o nome de Silencius, um nome que já é o indicativo de que seu corpo guarda um segredo. Caso o casal viesse a ter um filho homem, rapidamente seu nome passaria a ser Silencia. Cador então chama seu senescal e lhe confia a guarda da criança e sua criação como se fosse um menino. Manda fazer uma casa escondida no bosque, isolada do mundo.

Quando Natureza percebeu que eles a haviam enganado e que haviam desviado sua obra da via que ela lhe havia traçado, ela sofreu muito. Disse a si mesma:

Eles me desprezaram e fizeram como se Cultura (Nurture) valesse mais que minha própria ação! (...) Nada na terra que tenha recebido da Natureza sua subsistência pode se desnaturalizar. A cólera torna meu coração mais frio que o gelo, só de pensar que Cultura disfarça o produto de minha arte.(...) Se eu não a desmascarar, então Cultura terá, efetivamente, mais poder que eu! (CORNOUAILLES, 2000, p 498)

E diz Heldris: “Senhores! Ela tem razão! Nenhum homem tem o poder de a vencer nem de a enganar por muito tempo, ou mesmo de a abjurar.” (idem, *ibidem*)

No século XIII tornou-se um tema de debate apaixonado a relação entre Natureza e Nurture, ou seja, Cultura, aquilo que é inato e aquilo que pode ser obtido e formatado pela educação.

À força de empregar as maneiras dos homens e de rejeitar aquelas das mulheres, a criança se tornou praticamente um menino; tudo o que se via nela tinha aparência masculina. Mas cuidado! “Há engano na mercadoria: sob as vestimentas, há uma menina!” (CORNOUAILLES, 2000, p 501). São os dispositivos orgânicos que, a despeito da aparência masculina, atribuem sua

verdadeira natureza sexual, a de uma mulher. “...vós sabeis como agiram contra a Natureza aqueles que desviaram a criança de sua via”, diz Heldris (idem, p 498).

Como afirma Le Goff, a Idade Média é uma cultura do gesto, é uma cultura ritualizada - a homenagem vassálica, o beijo da paz, as promessas e os juramentos selados pelas mãos juntas – e altamente codificada: do lugar à mesa, às vestimentas. A roupa é indicativa do lugar que a pessoa ocupa na sociedade. Ao trajar-se como um homem, Silencius subverte de muitas maneiras aquilo que ela é. Ela diz que é um homem, quando não o é; ela ocupa um lugar mais nobre, porque nega ser um ser inferior, uma mulher. Aos onze anos, na ginástica, no combate, na esgrima, ela fazia seus oponentes tremerem. Silêncio se endureceu.

Quando dois menestréis aparecem no condado de seu pai, Silencius se põe a pensar em sua situação, dizendo a si mesma:

(...) tu és tão rude, tu não conheces nada acerca das tarefas femininas. Caso algo dê errado, terás que aprender a se comportar convenientemente. Mas se tu prolongares duravelmente teu modo de vida atual, eu bem sei que tu te tornarás cavaleiro, e provavelmente um cavaleiro covarde ou mal formado, pois jamais vi uma mulher hábil no manejo das armas. (...) vai, então, para terras estrangeiras para buscar e aprender conhecimento e saber. (CORNOUAILLES, 2000, p 505-506).

Então Silencius, com seus cerca de doze anos, foge com os dois menestréis, adota o nome de Malduit (mal educado), aprende a tocar, cantar e declamar e logo os supera em sucesso. Ao fim, os dois menestréis, enciumados e invejosos, planejam matar Silencius, que foge e volta para a Inglaterra, depois de um par de anos, para a casa dos seus pais. Lá é recebida com festa. O rei toma conhecimento do seu retorno, e faz questão de ter o exímio e nobre músico em sua corte. A rainha se apaixona por Silencius e passa a assediá-la, pensando tratar-se de um rapaz.

Segue-se uma cena de extrema sedução, na qual a rainha se apoia sobre o harpista, o enlaça, o abraça, pede-lhe um beijo e que ele a abrace. Silencius oferece-lhe um casto beijo sobre a testa, a que a rainha lhe devolve cinco, lânguidos, apaixonados. Silencius a evita. A rainha abre o broche deixando nu seu colo branco.

“Madame, por piedade, para! (...) Se eu trair minha lealdade [a meu senhor, tomando sua mulher], eu serei desonrado e me tornarei o pior dos homens!” (idem, p 518). Silencius consegue, por fim, se desvencilhar da rainha, mas ela jura vingança.

Segundo o narrador, uma mulher não teme fazer avanços em relação a um homem: a reprovação não a fará desistir. Mas seu amor não é firme. É, antes, desarrazoado e perverso. É com toda a futilidade que ela hora ama, hora detesta. A mulher é sujeita a uma grande desmedida quando a cólera a domina e vence.

Essa dama passa, então, a desejar vivamente encontrar um meio de desonrar Silencius. Ela diz a si mesma "se ele se interessasse por mulheres, nada o teria impedido de ter prazer comigo hoje. (...) Verdadeiramente, estou convencida de que ele é um invertido." (CORNOUAILLES, 2000, p 520)

Seguem-se as situações de armadilhas, próprias ao gênero literário.

Com a idade de 17 anos e meio Silencius é um cavaleiro excelente e completo: pratica a justa sem proteção; brande o escudo com seu braço esquerdo tendo seu peito descoberto; se precipita ao ataque, abatendo cavaleiros; arrebatava suspiros e todos os prêmios. O narrador diz: "Poderíamos dizer que Cultura é capaz de enfrentar Natureza, pois que ela ensina tais comportamentos a uma mulher tão frágil e delicada." (idem, p 536)

A rainha planta, então, uma ideia maligna na mente de seu marido, o rei Eban: ele manda nosso herói perseguir Merlin. Mas Merlin só pode ser capturado por uma mulher. Desse modo, Silencius estaria condenado a passar a vida inteira a perseguir o mago, sem sucesso. Mas Silencius é uma mulher e captura Merlin. Uma vez na corte, é ele quem desmascara Eufêmia, mas também Silencius. Merlin é o revelador de vários segredos. Eufêmia está sempre acompanhada por uma freira, que também esconde algo importante.

Esse dois, Silencius e a freira, nos enganaram. Essa freira que acompanha Eufêmia, vos engana com seu traje de mulher. (...) . Por seu lado, Silencius me enganou, com seus trajes masculinos. Eis a verdade, se suas vestes são masculinas, há uma jovem sob seus trajes." (idem, p 555).

Mas ao passo que Silencius é muito sábio e muito valente, a verdade é que a rainha desonrou o rei com a falsa freira. Então o rei manda que a freira e Silencius sejam desnudados.

"Silencius, vemos bem que tu és uma mulher." (idem). Essa constatação parece-nos bastante surpreendente, já que a própria Silencius diz, reiteradamente, que seu corpo não é o de uma mulher. Seus braços são rudes e seus lábios não podem beijar.

Silencius conta os motivos que a levaram a vestir-se de homem, e o assédio que sofreu da rainha.

A falsa freira é morta, a rainha é esquarterjada.

O rei decreta que as mulheres poderão voltar a herdar. Silencius ganha roupas de mulher, torna-se Silencia.

Natureza, três dias depois se aplica a polir o corpo de Silêncio e a fazer desaparecer todo o vestígio de característica masculina. O rei a toma por esposa.

Descoberta em 1911 e somente editada em 1972, a obra deu origem a vários e bons artigos que, em sua maioria, tratam da questão de gênero, suscitada pelo enredo. Destacamos, entre tais, *The Boy Who Was a Girl: Reading Gender in the 'Roman De Silence.'*, de Peggy Mccracken, porque ela se debruça não apenas nas reflexões teóricas sobre gênero, mas também aponta os pontos de ruptura que a obra de Heldris de Cornouailles nos apresenta, contextualizando, de alguma forma, a abordagem dentro do período medieval. Segundo essa autora, na Idade Média, a identidade de gênero, bem como os papéis sociais, são definidos pelos caracteres inscritos no corpo por ocasião do nascimento.

Vimos, é verdade, que quando Natureza percebe que tentam disfarçar a identidade sexual feminina de Silencius, ela diz:

Nada na terra que tenha recebido da Natureza sua substância pode se desnaturalizar. A cólera torna meu coração mais frio que o gelo, só de pensar que Cultura disfarça o produto de minha arte.(...) Se eu não a desmascarar, então Cultura terá, efetivamente, mais poder do que eu!. (CORNOUAILLES, 2000, p 498)

E diz Heldris: “Senhores! Ela tem razão! Nenhum homem tem o poder de a vencer nem de a enganar por muito tempo, ou mesmo de a abjurar.” (idem, *ibidem*)

“Há engano na mercadoria: sob as vestimentas, há uma menina!” (idem, p 501)

E Merlin, ao final: “Por seu lado, Silecius me enganou, com seus trajes masculinos. Eis a verdade, se suas vestes são masculinas, há uma jovem sob seus trajes.” (idem, p 555).

Peggy Mccracken, no entanto, nos adverte:

Há, no entanto, um grupo de narrativas nos corpus de romances que colocam em questão a simples equação do corpo como gênero. Romances de travestimento, histórias de mulheres que se vestem e que agem como homens, mudam diretamente a primazia do corpo na determinação do gênero. Essas narrativas sugerem que o gênero não é essencial, mas é performativo, que a

adoção de um gênero por meio da performance e da vestimenta podem ter uma autoridade igual a das características anatómicas na determinação da identidade de gênero. (MACCRACKEN, 1994, p 1).

O travestimento da heroína é tão bem sucedido que ele subverte a assunção de sua identidade feminina no final da história, pois o realinhamento entre as características sexuais inscritas no corpo e a identidade feminina precisa ser reestabelecido pela intervenção da figura alegórica Natureza. No entanto, o realinhamento é feito, porque Natureza restabelece sua ‘verdadeira’ identidade, exatamente a que é definida em seu nascimento: “Apesar da travestida parecer mudar as definições tradicionais dos papéis sociais de acordo com a anatomia, no final de sua história a heroína sempre é integrada numa sociedade aristocrática, cuja estabilidade é mantida através do casamento e da reprodução.” (idem, p 2)

A autora do artigo, entretanto, nos aponta, precisamente, as estratégias que Heldris de Cornouailles lança mão para criar ansiedade e surpresa nos pontos de ruptura entre o gênero construído e o gênero ‘naturalmente’ dado na perspectiva dos medievais.

Mas perguntamo-nos: também a leitura do corpo, que serve de base para a construção da identidade sexual, segundo a equação corpo = gênero, não é ela mesma construída? Quando se diz que a Idade Média naturalizava o gênero, ancorando-se nos dispositivos físicos sexuais, não se está fazendo uma leitura acerca do que seja o natural, o campo físico, o corpo ele mesmo? Se sim, então teríamos que partir da reflexão acerca de como os medievais entendiam o corpo, enquanto vetor de sentidos, e a sexualidade.

E ainda, falar da Idade Média como um todo, é algo abstrato, porque trata-se de um período muito extenso, uma categoria temporal, geográfica e social muito ampla para ser entendida a partir de uma única chave de decodificação. Gostaríamos, então, de propor um exercício de deslocamento de perspectiva, a partir de alguns dados acerca do corpo e da sexualidade, concernentes a recortes temporais no período que insistimos em chamar de medieval.

1. A Igreja cristã, tributária das filosofias da Antiguidade Tardia, que buscavam o ascetismo e a busca dos prazeres espirituais, condenava a gula, a luxúria, a avareza, os vetores dos apegos mundanos. Contudo, o intercuro sexual heterogâmico foi, ao longo de séculos, nos documentos que formulou, objeto de maior restrição que aquele praticado, de forma consensual, entre indivíduos adultos do mesmo sexo. Num estudo clássico, Christianime, *tolérance sociale et homosexualité: les homosexuels en Europe occidentale*, des

débuts de l'ère chrétienne au XIV^a siècle, John Boswell nos informa que nos séculos IV e V, os legisladores eclesiásticos tenderam quase unanimemente a ver no casamento o estatuto inevitável do homem adulto (inclusive clérigos); viam o adultério como um crime gravíssimo, inclusive entendiam como tal as relações sexuais entre homossexuais que fossem casados, mas não entre homens celibatários do mesmo sexo.

No penitencial de Gregório III, século VIII, a penalidade para práticas homossexuais entre clérigos era de um ano, enquanto um clérigo que fosse flagrado caçando, devia fazer penitência por três.

Para alguns penitenciais de data antiga, como o de Reginon de Prum, morto em 915, é o sexo mesmo, não as partes que o envolvem, que é pecaminoso. A penitência, nesse documento, para o sexo anal era menor para o praticado entre homens do que aquele praticado entre marido e mulher, porque é a disposição e a frequência no intercurso a que o laço matrimonial incita.

No século XII, ainda segundo Boswell, a indiferença da Igreja quanto aos homossexuais começa a se dissipar, dando lugar a duas atitudes opostas. Por um lado, um grupo de ascetas, pouco numerosos, mas muito combativos, afirmavam que a homossexualidade era um pecado grave, próximo ao assassinato. Um grupo significativo de monges apoiava-se em São Basílio e São Bento, para expressar a ideia de que todas as amizades eletivas, sobretudo quando nelas se imiscuía a paixão, constituíam uma ameaça ao ascetismo. Por outro, havia um grupo que contava com a leniência da Igreja, que previa penitências banais para o intercurso praticado entre indivíduos do mesmo sexo.

Papa Leão manifestava mais preocupação em manter a estabilidade nas linhas do clericalato que em punir os clérigos homossexuais, entre os quais, bispos, arcebispos e outros tantos poderosos. Entretanto, o mesmo papa postulava que as prostitutas que servissem os padres deveriam ser reduzidas à escravidão.

Em 1102, o Concílio de Londres tomava medidas que tendiam a informar o público, quanto ao inconveniente dos atos homossexuais, e insistia que a sodomia fosse vista como um pecado a ser confessado. Santo Anselmo teria se posicionado contra tal medida, uma vez que “tal pecado havia sido, até então, tão corrente, que muitos não tinham qualquer consciência de sua gravidade, e seria embaraçosa a sua aplicação” (BOSWELL, 1985, 277)

Em dado momento, a Igreja teve que enfrentar a oposição entre

clérigos homossexuais, que apoiavam o postulado da Igreja contra o casamento de clérigos, e clérigos casados que apoiavam medidas anti-homossexuais.

Mesmo depois da Reforma Gregoriana, as práticas sexuais, herdadas do mundo e do modo de vida greco-latino ou pagão perduram. Segundo Le Goff, a castidade dos monges é objeto de riso em numerosas farsas medievais. A virgindade voluntária refluí. Paralelamente ao processo de centralização do poder, assiste-se, entre os séculos XII e XIV, a uma uniformização de comportamentos, um controle mais estrito das práticas sexuais e da própria doutrina da fé católica. E ainda, essa consolidação do poder ocasionou, frequentemente, a perda de liberdade da qual as comunidades gozavam. Todas as minorias, judeus, muçulmanos, homossexuais, todos começaram a ser excluídos, porque eram vistos como autoexcluídos. Uniformidade e poder sobre o corpo - são esses os princípios que orientam a ordem social de um governo que se quer centralizado, em centralização.

2. Mas trata-se de uma uniformidade que não se impõem homogeneamente, aliás, nunca, em lugar algum, porque sempre haverá, ao longo da História, heréticos, homossexuais, travestis, judeus, palestinos, muçulmanose mulheres. Talvez o papel da mulher, submetida, estranhada, seja um fio vermelho ao longo de todo o período medieval... Como nos lembra Peggy,

O romance de travestimento medieval apresenta um espetáculo profundamente incômodo para uma sociedade aristocrática, fundada e mantida por casamentos dinásticos e sucessão, porque o gênero ambíguo desarranja as estruturas dinásticas – uma mulher vestida como um homem não pode gerar uma criança. (...) a diferença sexual “naturalmente” indicada no corpo é parte de uma ideologia que dá suporte às instituições fundantes da aristocracia medieval: casamento e sucessão. (MACCRACKEN, 1994, s/p).

Mas o mesmo se poderia dizer de qualquer sociedade tradicional na longa linha do tempo. É preciso dizer mais! Georges Duby, em sua magistral obra *Mâle Moyen Âge*, nos diz:

Manter, de geração em geração, o estado de uma Casa, eis o imperativo que comanda toda a estrutura do modelo não eclesiástico. (...) A ideia base é a herança. A herança de um capital de bens, de um nome, de uma glória, de felicidade, e de garantir à descendência uma condição, um estatuto ao menos igual ao dos ancestrais. (...) O dever do pater é o de garantir que todas as filhas se casem, de negociá-las da melhor forma possível, e aos filhos homens, de lhes achar mulheres. (DUBY, 1990, p 16).

É no leito aristocrático que se urde os elos da cadeia dinástica. Trata-se de uma negociação entre parentelas, longamente construída, assunto da maior importância, e pouco ou nada tem a ver com as eleições afetivas.

Os clérigos, por sua vez, procuravam dar alento e orientação para essas vítimas de casamentos tratados sem o consentimento das mulheres. Num documento do século XII, o abade Adam, da abadia de Perseigne, exortava à perseverança a condessa de Perche que, hesitante, buscava uma saída. Ela pergunta ao abade quais eram os deveres da mulher casada, até onde ela devia se curvar às exigências do esposo, qual era exatamente o montante da dívida, do debitum, “pois é por esse termo, de uma desolante *secura* jurídica, que o discurso moralizante definia o fundamento do *affectus conjugal*”. (DUBY, 1990, p 40).

A mulher cessará de depender de seu pai, de seus irmãos, de seus tios, para ficar submissa a seu marido, condenada a ser uma estranha necessária, sempre suspeita de alguma deslealdade, uma estranha que entra no leito para garantir ao grupo de homens que a acolhe a geração de continuidade” (DUBY, 1990, p 16-17)

Eles a vigiam, eles a dominam.

Os homens dessa época temem as mulheres.

Medo, em particular de sua mulher, medo de ser impotente, medo de não satisfazer esse ser que se supõe devorador, mas também portador da morte, usando, como os seres fracos, de armas perversas, do veneno, do sortilégio. (idem, p 120).

Nos romances, por outro lado, o amor é uma característica fundamental do gênero, mas ainda assim, a mulher nem sempre aparece em sua melhor forma. No *Roman de Siléce*, vimos a forma como a mulher é descrita. Mesmo quando ela ama, ela é fraca e vil. É o que nos conta Helderis, quando Cadour se apaixona por quem será a mãe de Silencius:

Talvez ela já tenha um amigo. E depois, é bem da natureza da mulher não agir de acordo com suas capacidades. Ela leva em conta primeiramente o seu desejo, e sempre procura a ocasião para se desonrar. Ela faz valer seu desejo contra a natureza, contra a razão e contra o direito. Ela não presta atenção aonde ela deposita o seu amor (...). O Amor me mergulhou nessa tormenta, sem esperança de cura. (CORNOUAILLES, 2000, p 476)

Por ocasião do casamento, propriamente dito, desdobra-se uma cerimônia onde rituais selam as garantias dadas em troca.

Procura-se garantir entre as mulheres, a virgindade, e entre as casadas, a

fidelidade, pois a inclinação à lascívia, característica natural da mulher, poderia introduzir um intruso nascido de outro sangue na parentela, entre os herdeiros da fortuna ancestral.

São os interesses da parentela que impõe o costume. A moral sexual propalada pela Igreja, só a custo é absorvida pela comunidade em geral. Nas cortes, quando ela se combina com os interesses da linhagem e com os princípios de honra e tradição, ela é absorvida e apropriada num discurso de clérigos que, de resto, são os responsáveis pela escrita dos documentos que informam os pesquisadores de outros tempos. Onde esses dois princípios se chocam, casamento, sexo, linhagem, senhoria, a negociação e os confrontos se desdobram, necessariamente. Cabe lembrar que boa parte dos descendentes do casal nobre é formado por clérigos. São os irmãos, os primos, os consanguíneos no sentido mais amplo, daqueles filhos mais velhos que herdaram o patrimônio familiar. Os filhos mais novos não se casam, a fim de que não haja o parcelamento do patrimônio ancestral: ou vivem na corte, junto ao séquito, ou vão para os mosteiros. De toda a forma, não se casam – o que não quer dizer que sejam todos abstinentes. Nesse caso, pululam-nas cortes e nas comunidades em geral, as jovens de vários níveis da cadeia social, em vários momentos ao longo desse longo período que chamamos de medieval, que amenizam as tensões provocadas pelas regras de sucessão e de casamento, onde o corpo é o vetor da preservação do patrimônio ancestral. O corpo, bem como a atividade sexual e reprodutiva que lhe são inerentes, é como um documento ele mesmo, onde estão inscritos os pactos entre as parentelas.

3. Mas e entre as mulheres não nobres, não ricas? Emmanuel Le Roy Ladurie nos mostra, em sua obra *Cátaros e Católicos* numa aldeia francesa, muito da cultura camponesa dos séculos XIII e XIV. A condição da mulher casada, nessas aldeias do sul da França, não é fácil. Em geral, elas temem seus maridos, de quem apanham frequentemente. É uma cultura misógina, e os espaços que ocupam, homens e mulheres, são bem demarcados. Guillaume d’Ascon diz à Florende, sua mulher: “grandíssima porca”.

Mas face a uma tal convivência, as jovens camponesas tem alguns trunfos: costumam ser quezilentas, briguentas, com temperamento forte, de modo a acuar o oponente. Longe de serem dóceis, as montaignounesas são boas de briga.

Já a condição da mulher solteira e da mulher viúva, são um pouco menos tensas. A virgindade não chega a ser um tabu e, embora se exerça um controle social sobre as moças, numa aldeia tão pequena, todos sabem das relações “ilegítimas” que aproximam os corpos. Inaceitável, entretanto, é a

infidelidade ao marido, e ainda assim, as escapadelas de Béatrice de Planissoles são bem conhecidas pelas mulheres da vizinhança.

Depois, de um modo geral, homens e mulheres têm o mesmo grau de instrução. Segundo Ladurie, “a inferioridade da mulher, nesse tempo, deve-se à sua especialização nos trabalhos considerados como inferiores (a cozinha, o jardim, ida à água, maternidade, puericultura).” (LADURIE, s/d, p 317)

No nosso Roman, quando Silencius tinha doze anos, Natureza veio visitá-la:

É muito estranho que tu te divirtas como um menino(...), pois foi com um molde especial que, com minhas mãos, eu te criei. (...) Sai disso, é Natureza quem lho diz. Vai costurar em teu quarto, pois é isso que reclama a lei natural. Tu não és Silencius!” (CORNOUAILLES, 2000, p 501)

Depois de um grande conflito interno acerca de sua identidade sexual, nossa heroína rememora, então, as ocupações tradicionais, acerca das quais ela ouviu frequentemente falar: o estado de mulher e suas ocupações a entediavam profundamente, e ela se dá conta de que a situação do homem vale muito mais do que a da mulher. “Verdadeiramente, seria uma infelicidade me rebaixar, quando eu domino. Eu estou por cima, e seria necessário descer. (...). Minha boca é muito rude para beijar, muito duros são meus braços para abraçar.” (idem, p 502 – 503).

4. Em seu artigo, Peggy Mccracken não considera a possibilidade de Silencius gostar de sua imagem masculina, mas não sentir atração por mulheres. Trata-se de uma sociedade onde os valores masculinos são exaltados. Então, ela pode sentir-se bem com sua imagem masculina, numa dupla transfiguração de sua identidade sexual.

Quando Natureza faz a Silencius a visita citada, quando ela diz que ela deve seguir sua natureza, ir para o quarto e ir costurar, quando ela lhe diz que ela não é Silencius, esta lhe responde: “Jamais ouvi algo assim! Silencius! Então o que eu sou? Meu nome é Silencius, eu o sei bem, ou então eu sou um outro que jamais fui. Mas eu bem sei, eu o juro sobre minha mão direita, que eu não posso ser um outro! Eu sou, então Silencius, ou não sou ninguém!” CORNOUAILLES, 2000, p 501).

Mais do que gostar ou não de sua identidade masculina, embora não sentisse atração por mulheres, Silencius só tem ideia de si mesma em tendo uma identidade masculina.

Depois da visita de Natureza, seguem-se a da Cultura e a da Razão, com seus argumentos contrários à de Natureza. Silencius sofre. Segundo

Heldris, o narrador, “Sem cessar, ele estava ao ponto de contrariar aquilo a que seu coração aspirava. Ora, quem age contra seu desejo deve esperar sofrer frequentemente. O coração de Silencius estava dividido”. (CORNOUAILLES, 2000, p 503). Ou seja, o desejo profundo de Silencius era o de continuar sendo vista como um rapaz. Era assim que Silencius se percebia como sendo no mundo.

No episódio seguinte, Silencius reflete sobre a iminência de ser descoberta, ou sobre a possibilidade de se tornar um cavaleiro medíocre, pois não tem a força e a habilidade masculina com as armas. Então ela foge com os dois menestres, a fim de encontrar outro meio de vida. No entanto, Silencius se supera no manejo das armas, na força física, no confronto com outros homens. Silencius fez uma escolha.

5. A homossexualidade feminina é algo mais raro na documentação, mas ainda assim aparece. Boswell cita duas cartas eróticas, escritas em versos, que constam de um manuscrito do século XII, proveniente do monastério de Tegernsee, Tais cartas são escritas por religiosas e endereçadas a religiosas. Numa se lê:

Estou esmagada pela tristeza/pois não encontro nada/ que se compare ao vosso amor/mais doce do que o leite e o mel./(...) Só vós sois meu amor e meu desejo./Como uma rola que perdeu sua companhia/ e não pode se afastar do galho vazio,/assim eu conheço um perpétuo tormento (...). (BOSWELL,1985, p 282)

Noutra, uma carta endereçada de A. à G.:

Qual é minha força, para que eu deva suportar isso,/para que eu me resigne com vossa ausência?/ (...) Eu verto lágrimas como antes eu sorria,/ e meu coração nunca está contente./ Quando eu me lembro dos beijos que vós me dáveis,/ e como com ternas palavras vós acariciáveis meu frágil peito,/desejo morrer,/pois não posso mais vos ver.(...). (BOSWELL, 1985, p 283)

Mas, no século XIII, a homossexualidade, feminina e masculina, passou a ser objeto de repressão, tendo por princípio a ideia de que tais práticas seriam contrárias à disposição da Natureza. A Natureza, que por séculos referia-se, entre os rurais, a tudo o que os rodeava, tudo o que havia sido criado por Deus, em sua concretude, passa a ser vista sob um outro viés, e toma forma a ideia daquilo que é Contra Natureza.

Em sua obra *Le ver, le démon et la vierge*, Maaïke van der Lugt fala extensamente acerca das gerações extraordinárias, que se situariam na fronteira do mundo ordenado.

Referindo-se à noção de Natureza, ela nos explica que até o século XII a concepção de Santo Agostinho dominava o discurso culto. Segundo o santo, a natureza toda inteira, sendo criação divina, é toda ela um milagre. Apenas a familiaridade que temos com os acontecimentos cotidianos obnubilam nossa sensibilidade, fazendo com que não percebamos quão milagroso mesmo é o mundo em sua complexidade. O que entendemos por milagre é apenas a impossibilidade do homem encontrar explicações para a expressão do poder divino. Por essa razão, não há lugar para falar do extraordinário ou do contra natural.

Antes da redescoberta dos textos zoológicos de Aristóteles, o que aconteceu em torno do século XII, quase todas as informações concernentes ao mundo animal era obtida de fontes clássicas tardias.

A natureza, frequentemente apresentada como um livro pode, portanto, se prestar a interpretações simbólicas, como o texto da Bíblia. Os ensinamentos oriundos do conhecimento da natureza devem conduzir o cristão em direção à virtude(...). A moralização da natureza é uma constante da cultura medieval, como nos mostram as enciclopédias, os bestiários, as coleções de exempla e os sermões dos últimos séculos da Idade Média.” (LUGT, 2004, p 40).

Nessas obras, a lebre, a hiena e a doninha chamavam a atenção, de forma negativa, por terem comportamento lúbrico e frequentemente praticados com parceiros do mesmo sexo..

A partir do século XII, no curso das traduções das obras de gregos e muçulmanos, os estudiosos começaram a tentar entender as regularidades segundo princípios racionais e ordenadores do mundo percebido, foram à busca das causas que as explicassem. O mundo sublunar é resultado de causas segundas que podem ser apreendidas. O milagre, o extraordinário é uma suspensão temporária da ordem natural, operada por Deus.

Nesse contexto intelectual, uma abordagem moralizante acerca do comportamento humano podia ser justificada, tomando como baliza aquilo que era próprio à ordem natural, e aquilo que a transgredia. Os atos humanos podiam ser qualificados como naturais e bons, ou contra a natureza e maus.

Nos discursos elaborados nesse período, os animais instruíam largamente o comportamento humano, em particular no que concerne às práticas sexuais, porque na natureza os animais só copulavam com o fim de se reproduzir e garantir a perenidade da espécie. Excetuavam-se as lebres, as hienas e as doninhas, que procediam diferentemente e contra a natureza.

Segundo Boswell, muitos autores, como Alain de Lille, foram

fortemente influenciados pela onda de hostilidade que marcaram a Europa de finais desse século e seguintes. Esses ganharam voz no Concílio de Latrão (1179), que se posicionou fortemente contra as minorias não conformistas, como judeus, muçulmanos, heréticos e homossexuais.

Alain de Lille, em sua obra *La Plainte de Nature*, colocava na voz da deusa Natureza a queixa de que a sociedade do século XII havia largamente violado sua soberania em matéria de sexualidade. Ora, não é essa mesma a noção que está expressa nas palavras da rainha, quando conclui que Silencius é um invertido? Ou seja, Silencius é um invertido do ponto de vista da ordem natural: “...vós sabeis como agiram contra a Natureza aqueles que desviaram a criação de sua via”, diz Heldris (CORNOUAILLES, 2000, p. 498).

6. Guardadas as diferenças entre Aristóteles (384 -322 A.c.) e Galeno (século II), ambos influenciaram enormemente as teorias generativas da Idade Média a partir do século XII. A mulher é um ser muito úmido e frio, o homem um ser quente. A geração dependia da quantidade de calor que animava a concepção por ocasião do encontro das sementes de ambos. Para Aristóteles, a mulher era apenas um receptáculo, não tinha semente; para Galeno, ela tomava parte na concepção humana, e tinha semente. Embora muitos fatores determinassem o sexo da criança, o calor era o mais importante. Quando a umidade e frialdade da mulher era muito grande em relação ao calor masculino, gerava-se uma menina. Se o calor do homem se impunha, gerava-se um menino. No entanto, segundo Maaïke van der Lugt, havia concepções em que o calor do homem não era suficiente para gerar um menino, mas era suficiente para gerar uma mulher com intensidade masculina, dotada de um desejo ardente, imaginação poderosa, cuja semente era dotada de um poder formativo semelhante ao masculino, presente no sêmen do homem. Eram as viragos.

O que chocava nessas mulheres era o fato de serem lúbricas.

Observe-se que na obra de Heldris da Cormualha, Silencius não manifesta nenhuma sensualidade. Apenas a rainha o faz, alinhando-se ao modelo das mulheres luxuriosas e infiéis a seus maridos. Silencius não é uma virago.

7. Por fim, ainda no que diz respeito à equação corpo = gênero, gostaríamos de lembrar que, a despeito da onda moralizante do século XIII, ainda estamos longe dos rigores puritanos introduzidos pela Contra Reforma no século XVI. (1545). Não existia, ainda, entre os laicos, a evitação do contato com outros corpos, esse distanciamento afetivo que nos faz ver muito de nós e de nossos conflitos internos no outro. É clássica a cena da catação de pilhos

entre vizinhos, na frente das casas, em cima dos telhados, ao sol, deitados na cama, lá na aldeia de Montailou. Aliás, era comum, nesse período, as pessoas dormirem juntas, na mesma cama, mesmo um visitante, e nós. A nudez não é erotizada. Ainda hoje, no Japão, em outros países do Oriente, as pessoas frequentam os banhos públicos, nós e juntas, embora separadas por gênero. No Brasil, entre nossos índios, ou em muitas comunidades da África, a nudez não é erotizada. A nós, pode parecer estranho e difícil entender e corresponder sensualmente a um apelo não erotizado do corpo e da nudez, mas são diferenças culturais muito profundas, capazes de gerar outras práticas corporais que, no entanto, nos parecem tão “naturais”.

E é preciso que não confundamos os sentimentos de honra e vergonha sociais, dos quais o corpo é um vetor, com o sentimento de pecado, que a Igreja levou muitos séculos para impor nas sociedades tradicionais da Europa medieval.

Conclusão

Esperamos ter contribuído com essa reflexão, propondo um deslocamento do ponto de vista do qual se tem partido para elaborar a análise dessa obra, o Roman de Silence, de Heldris de Cornouailles, século XIII. Se, por um lado, os atributos físicos de Silencius são disfarçados, se uma identidade masculina é cultural, continua e ostensivamente forjada pelo personagem, em virtude dos interesses e valores sociais aristocráticos, há uma percepção do corpo, própria à época, que não pode ser “naturalizada”. Numa sociedade em que a evitação dos contatos é mais frouxa, em que o domínio do privado tem barreiras mais franqueáveis, segundo nossos parâmetros contemporâneos, a questão do gênero precisa ser reposta a partir de uma compreensão do corpo e dos tabus que o envolvem, segundo os critérios do período em que a obra foi produzida e explorando os elementos que a obra mesma nos oferece.

A questão de ser mulher numa sociedade medieval impõe-se como um fio vermelho que atravessa esses tempos. A mulher é o elemento amedrontador, uma estranha necessária pela capacidade de gerar a continuidade de uma parentela. O corpo, a geração, o papel que enfeixa, fazem da fórmula corpo = gênero a expressão da materialização de um contrato: corpo = gênero = documento.

Por suas funções, mas também pela desconfiança que sua presença enseja, a mulher é vista como um ser menor, enquanto o homem é altamente

valorizado. Talvez por isso Silencius aprecie sua imagem masculina, o papel que desempenha, o lugar que ocupa, em detrimento de sua identidade feminina. Mas Silencius não sente atração por mulheres, embora em nenhum momento da obra seja dito que ela tenha se apaixonado por um homem – apenas no final, num papel passivo, ela se casa com o rei.

Ainda, o sexo que a mulher pratica no leito conjugal é suspeito. A Igreja procura refrear mais o ardor dos casados, do que aquele praticado entre pessoas do mesmo sexo e celibatários. O sexo a que a perpetuação da espécie exige, o sexo assim consentido, precisa ser controlado. O sexo praticado com a própria esposa em demasia, é considerado um adultério.

Tal controle, bem como a ideia de pecado que a acompanha, foi sendo implantado com dificuldade ao longo dos séculos em meio às comunidades. Ela foi bem sucedida sempre que os interesses das parentelas aristocráticas se combinaram com o discurso da Igreja. Entre as comunidades rurais, a ideia de honra e vergonha foi mais eficaz no controle das casadas do que as regras formuladas pela Igreja. A virgindade não se constituía, nas aldeias do sul da França, um verdadeiro tabu. Ser mulher solteira era algo distinto de ser mulher casada. O corpo e as práticas sexuais que decorrem numa e noutra situação são entendidos diferentemente.

Em meio à onda moralizante do século XIII, o corpo e seus atributos inscrevem-se no domínio de uma dimensão abrangente que é a Natureza, a qual, em si mesma, se caracteriza pela ordem, pelas causas que costumam assegurar sua permanência, sua regularidade. Ela assume um discurso moralizador que desde sempre esteve presente nas vidas das comunidades. No entanto, a partir do século XII, sempre que alguma prática rompe com tal regularidade ela é vista como algo que transgride a ordem natural, constituindo-se simultaneamente num perigo moral e um atentado à salvaguarda da vida. Silencius é acusada de ser um invertido. O corpo “naturalizado” é o palco de uma formulação culta, onde causas e efeitos particulares, individualizados, fazem parte de um horizonte mais amplo e conectado, que é a Natureza mesma.

Mas a vida continua, e a despeito das formulações elaboradas pelos doutos, os homens desse período continuam a ter uma proximidade corporal que nos surpreende, hoje. O corpo não é erotizado, o que nos coloca em alerta contra a fórmula simples segundo a qual o corpo e seus dispositivos sexuais determinariam o gênero. Embora a fórmula pareça aplicar-se nas sociedades tradicionais da Idade Média, o identificar-se com uma das polaridades homem/mulher não nos parece tão plana, dando ensejo a nuances que tornam

a questão do gênero, do corpo e do sexo bastante complexa nas sociedades medievais, e que as diferenciam no tempo e no espaço, muito amplos e diversificados, bem como em relação a quaisquer outras que tenham existido ao longo da História. Ela ultrapassa amplamente a necessidade de garantir a legitimidade da prole e das funções que cada qual ocupa no seu contexto social.

Referências

CORNOUAILLES, Heldris. Le Roman de Silence. In: RÉGNER-BOHLER, Danielle (org.). **Récits d'amour et de chevalerie (XII^o – XV^o siècle)**. Paris: Éditions Robert Laffont, 2000.

BOSWELL, John. **Christianisme, tolérance sociale et homosexualité**: les homosexuels en Europe Occidentale, des débuts de l'ère chrétienne au XIVE siècle. Paris: Éditions Gallimard, 1985.

BOUCHET, Florence. Apresentação e notas. RÉGNER-BOHLER, Danielle (org.). **Récits d'amour et de chevalerie (XII^o – XV^o siècle)**. Paris: Éditions Robert Laffont, 2000.

DUBY, Georges. **Le mâle Moyen Âge**. De l'amour et autres essais. Paris: Flammarion, 1990.

LADURIE, Emmanuel Le Roy. **Cátaros e Católicos numa aldeia francesa. 1294 – 1324**. Lisboa/São Paulo: Edições 70/Martins Fontes, s/d.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Une histoire du corps au Moyen Âge**. Paris: Éditions Liana Levi, 2003.

LUGT, Maaïke van der. **Le ver, le demon et la vierge**. Les théories médiévales de la génération extraordinaire. Paris: Les Belles Letres, 2004.

MACCRACKEN, Peggy. The Boy Who Was a Girl": Reading Gender in the

'Roman De Silence.' **The Romanic Review**, v. 85, n. 4, p. 517, 1994; Columbia University, 2002. Disponível em: <<http://www.new-gallery-of-art.com/pdf/xdress/theboywhowasagirl.pdf>> Acesso em: ago. 2017.

PASTOUREAU, Michel. **A vida cotidiana no tempo dos cavaleiros da Távola Redonda (França e Inglaterra, séculos XII e XIII)**. São Paulo: Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1989.

SOUARD, François. Préface. In: RÉGNER-BOHLER, Danielle (org.). **Récits d'amour et de chevalerie (XII^o – XV^o siècle)**. Paris: Éditions Robert Laffont, 2000.

Abstract: Roman de Silence is an 13th century book written in Old French by Heldris of Cornouailles. It tells the story of Silence, daughter of Cador, the Earl of Cornwall, who is led to assume a male identity in order to guarantee her family's inheritance, given that, in that kingdom, women were not eligible to inherit. The book was only edited in 1972, and its work gave rise to many papers which mostly deal with the matter of gender. Our goal is to contribute to this discussion, suggesting a shift in the point of view from which such analyses are usually elaborated. If, on one hand, Silence's physical attributes are disguised, and if a male identity is culturally moulded, then there is a perception of body, in accordance with its time, in which sexual devices and identity are entangled, but also create reading perspectives that surpass the body = gender formula.

Keywords: medieval romance - body - gender - transvestism
